



**GESTÃO DAS RELAÇÕES
HUMANAS PARA UMA
EDUCAÇÃO PÚBLICA
DEMOCRÁTICA.**



GESTÃO DAS RELAÇÕES HUMANAS PARA UMA EDUCAÇÃO PÚBLICA DEMOCRÁTICA.

Ma. Cinthia Cristina Guidini

Falar em Ética E Mediação de Conflitos é sempre algo muito complexo em nosso cotidiano, pois falar nesses dois temas é falar diretamente de gente. Gentes diferentes, culturas diferentes, histórias de vida muito diferentes também que direcionam interpretações singulares da realidade vivida. Nosso objetivo nesse encontro de leitura, é o de explorarmos um pouco o que acontece por dentro da psique humana, no sentido de podermos compreender como as realidades humanas impactam diretamente na forma como nos organizamos na sociedade, e também relacionar essa reflexão às possibilidades já estudadas por pesquisadores do segmento, de participarmos de escolhas mais felizes em direção à uma educação democrática, outra condição complexa a se garantir e que seja essa educação, transformadora de fato.

E sabe por onde começaremos?

Por alguém conhecido de todos, ou quase todos. Por alguém chamado Paulo Freire. Leia com sua máxima atenção o que ele nos diz:

Educar está além de formar.

Não deve o educador ignorar os saberes que o educando traz. Todo indivíduo é um acúmulo de experiências, histórias e conhecimento. Estes devem ser respeitados, sendo levados sempre em consideração.

Educar é construir em conjunto. Educar é também aprender.

Não raro, o educador se torna educando.

Ensinar não é transferir conhecimento. Ensinar é contribuir para a construção crítica. É proporcionar ao outro, autonomia. A educação é um ato de amor.

(Paulo Freire)

Se entendermos EDUCAÇÃO, como um instrumento poderoso de transformação, entenderemos que a Educação pode promover mudanças nas pessoas, tornando-as diferentes do que eram a cada proposta formativa, modificando suas formas de pensar.

Mas isso não é uma tarefa fácil e essa mudança não acontece de fora para dentro, pois qualquer mudança de pensamento, de olhar do sujeito sobre a realidade que ele vive, dependerá do que ele próprio analisa, do que ele próprio sente. O sentimento é algo que está dentro do sujeito, e não fora. Ninguém poderá deliberadamente e de modo forçoso, tocar ou mudar esse sentimento, essa avaliação da realidade. Isso dependerá de quais recursos internos a pessoa possui, e que agregariam valor para que como ferramentas a mais, pudesse ter outro poder de visão sobre essa realidade.

Resumindo: cada um vê a realidade e a interpreta de acordo com o conhecimento que tem, de acordo com o que pôde conhecer dessa realidade e de acordo com o que consegue sentir a respeito dessa realidade.

Um exemplo: às vezes, vemos um amigo, ficar paralisado diante de um problema na vida, e quando o mesmo nos compartilha sua situação, pensamos quase que imediatamente que tal problema é simples de resolver. Mas como a pessoa não percebeu isso? Mas como ela paralisou a vida por causa de um problema que nem é tão difícil de resolver?

Isso é muito comum em nosso cotidiano, e vemos com frequência que a maior dificuldade nessa relação entre as pessoas é a moderação de conflitos, pelo fato de as pessoas terem visões diferentes sobre a realidade de acordo com o conhecimento que possuem e que as permite uma certa limitação às vezes ou melhor dizendo, que as permite uma certa avaliação da realidade.

No nosso exemplo, poderá se desenrolar algumas sequencias, como o amigo impõe uma solução que não será aceita ou praticada pelo amigo reclamante da situação, pois ainda não possui o conhecimento que o outro já se apropriou, para compreender tal solução sugerida. Ou ainda é possível que confiando no amigo, pratique o sugerido e mesmo talvez tendo um resultado positivo, não compreenda de fato o porquê de ter dado certo o desfecho da situação. Oui também é possível que aconteça uma negativa em relação á sugestão do amigo, por não entender o reclamante da situação, o como tal sugestão encaminharia um resultado positivo.

Então a questão de que estamos tratando é a de como o conhecimento acessado por uma pessoa poderá ampliar sua condição de compreensão da realidade. E também estamos falando que a construção de conhecimento é intrínseca, ou seja acontece de dentro para fora, e portanto dependerá de uma capacidade enorme do outro, em fazer a mediação entre o sujeito aprendiz e o objeto de conhecimento, ou o que se quer que aprenda.

Então, pensando a EDUCAÇÃO por esse prisma, compreendemos que o papel do educador que transforma, é de fato a CAPACIDADE DE MEDIAÇÃO.

Mediação significa a capacidade de promover encontros. Para isso, nesse caso da EDUCAÇÃO, é preciso que:

- 1- O mediador conheça bem as partes que vai mediar, no caso os alunos aprendizes e a informação, o conhecimento que quer que seja apropriado pelo aprendiz.

2- Compreender a realidade em que está inserido o aprendiz, entender de seu contexto cultural, a forma de se viver e resolver as coisas.

3- Compreender de técnicas pedagógicas que permitam-lhe ensinar, ou melhor ainda, promover situações de aprendizagem provocadoras de um novo pensar sobre cada proposta de aprendizagem. Ser capaz de organizar situações as quais o aprendiz de fato consiga acessar esse conhecimento por si próprio, de acordo com sua capacidade de análise daquele momento formativo, mas provocando-o para uma nova possibilidade de pensar tal questão.

Voltando então ao Paulo Freire, “Educar está além de formar”, percebemos a qualidade humana nessa relação entre o aprendiz e o que se espera que aprenda, o objeto de conhecimento. Tem relação direta com o que se vivencia, e a forma como a situação educativa pôde tocar de fato o sujeito, na sua mais íntima forma de ver as coisas na realidade.

Por isso é que diz Paulo Freire: “Não deve o educador ignorar os saberes que o educando traz. Todo indivíduo é um acúmulo de experiências, histórias e conhecimento. Estes devem ser respeitados, sendo levados sempre em consideração”, pois como vimos que a aprendizagem é um processo que acontece de dentro para fora, com a capacidade que o sujeito tem de interpretar o que se está ensinando-o, sabemos que é fundamental, para boas mediações, organizar situações educativas de fato condizentes com essa condição particular do aprendiz.

Diz ainda Paulo Freire: “Educar é construir em conjunto. Educar é também aprender. Não raro, o educador se torna educando”. Ou seja, quando o educador se abre para conhecer a realidade do educando, ele também aprende, ele se apropria de uma capacidade que não pertence à sua história de vida. Por isso, toda situação de aprendizagem construída considerando-se a realidade, a cultura do sujeito aprendiz, é também uma situação de

aprendizagem que permite a comunidade educativa toda aprender junto. Todos ganham nessa relação.

A saber, dizia outro grande especialista em educação comunitária, Dr. Jair Militão da Silva: nem toda situação de fato é educativa.

Às vezes, vemos aulas elaboradas com técnica didática, com precisão na escolha dos conteúdos, mas os alunos saem da aula dizendo que não entenderam nada. Sabe porque isso acontece? Talvez a aula não tenha sido construída considerando a linguagem, os exemplos, o “formato” próprio desse grupo que tem uma “bagagem” que o permite determinadas avaliações da realidade.

Uma SITUAÇÃO EDUCATIVA é uma experiência que TRANSFORMA O SUJEITO. Se não houver transformação do ponto de partida (início da experiência) e o ponto de chegada (fim da experiência, o objetivo que se quer alcançar), então a situação não será educativa.

O sujeito aprendiz deve sair modificado da situação, algo deve ter se comunicado com sua forma de ver e analisar a realidade. Se isso não acontecer, o tempo vivido pouco interviu na sua aprendizagem.

Em relação a MEDIAÇÃO, cabe ao educador, a quem faz intervenções, sejam elas quais forem dentro da escola, ser capaz de promover boas interações entre os aprendizes e as situações vividas, sejam durante uma aula na sala de aula, seja na entrada da escola, seja na hora do lanche, seja em uma atividade extracurricular, um passeio, enfim, tudo o que acontece na escola é educação, é currículo, é potencial situação educativa, desde que as interações, os espaços e materiais, a gestão do uso do tempo, as intervenções pedagógicas sejam de fato planejadas de acordo com o contexto cultural de todos envolvidos (lembramos que todos os adultos em uma escola é em potencial, educador e: o responsável pela COMUNICAÇÃO EFETIVA, é o COMUNICADOR)

Mais uma vez nos diz Paulo Freire: “Ensinar não é transferir conhecimento. Ensinar é contribuir para a construção crítica. É proporcionar ao outro, autonomia. A educação é um ato de amor”.

Amor no sentido da capacidade de o adulto planejar pensando no outro. Amor na capacidade de doar seu tempo, paciência, e capacidade de investir seu trabalho, sua expertise, em prol da vivência do outro, da experiência construtiva para o outro vivenciar.

Vimos, contudo, que a EDUCAÇÃO perpassa pela capacidade de construirmos e mantermos boas relações humanas e se torna DEMOCRÁTICA, na medida em que nessas relações, existam a consideração e o respeito pelas diversas histórias de vida, as diversas possibilidades culturais de imprimem específicos jeitos de se analisar as situações, os problemas do cotidiano, e que, portanto, uma educação democrática, vai além de prover acesso à educação, de criar vagas na educação. Educação democrática, tem relação direta com o ACESSO AO CONHECIMENTO que seja capaz de MUDAR AS REALIDADES. Realidades modificadas pelo próprio sujeito aprendiz, a partir de sua autonomia construída com base o que pode acessar de conhecimento que o permita ter outra visão sobre essa realidade em que se insere sua vida, sua cultura.

DESAFIO DE REFLEXÃO:

Levando em consideração o texto acima, faça uma reflexão crítica, descrevendo como acredita que a educação e seus interlocutores (aprendizes, famílias, educadores e demais profissionais) possam ser uma ferramenta transformadora de pessoas, contribuindo assim para transformação da sociedade. O que precisamos fazer concretamente para isso acontecer?



REFERÊNCIAS

BRASIL, MEC, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SILVA, Jair Militão da. A autonomia da escola pública: a rehumanização da escola. Campinas, SP: Ed. Papyrus, 1996.

_____. Como fazer trabalho comunitário. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2003.